

* 6 DEZ 1991

Macedo prevê aumento da recessão

Para o secretário de Política Econômica, parcela do FMI será de US\$ 400 milhões

Protásio Nêne/AE



Jogo de azar

Macedo: "Com alguma sorte se terá o programa sem o agravamento da desaceleração da economia"

BRASÍLIA — A recessão deverá aumentar durante os primeiros meses de execução do programa econômico proposto ao Fundo Monetário Internacional (FMI). A avaliação foi feita ontem pelo secretário de Política Econômica, Roberto Macedo. "Está se fazendo um aperto brutal, e, como em todo programa, os primeiros meses são sempre os mais difíceis", disse. Macedo acha que somente "com alguma sorte se terá o desenvolvimento do programa sem o agravamento da desaceleração da economia".

O secretário, que também participou das negociações com o Fundo, está confiante na aprovação do acordo e no desembolso em dinheiro da primeira parcela do empréstimo de US\$ 2 bilhões, estimada em cerca de US\$ 400 milhões.

O acordo proposto ao FMI será analisado pelos técnicos antes das férias coletivas, que começam dia 19 de dezembro. Aprovado o programa econômico, o governo brasileiro se credencia a um crédito de cerca de US\$ 2 bilhões, que serão desembolsados em parcelas trimestrais, segundo Roberto Macedo. O secretário explicou ainda que, durante a execução do programa o governo manterá negociações para que o acordo se transforme na categoria do extended fund facility, que garante ao País maior volume de saques.

O secretário confirmou

ainda que a carta de intenção encaminhada ao FMI descarta opções heterodoxas para o ajuste da economia brasileira. "O congelamento de preços é uma metáfora, uma anestesia que engana o paciente, embora exista também a anestesia da cacetada", disse Macedo, ao comparar a economia do País a um doente sob tratamento médico. "O fato é que para conseguir reverter as expectativas é preciso ser mais agressivo nos primeiros meses", afirmou. Ele admite que "a inflação será uma variável importante para a avaliação dos progressos na estabilização da economia".

O ajuste fiscal proposto na carta de intenção depende, na opinião do secretário, da aprovação das medidas que estão sendo analisadas pelo Congresso. Negou, no entanto, que nas contas apresentadas ao Fundo o governo tenha considerado receitas adicionais com a aprovação das emendas à Constituição, reunidas no Emendão. "O programa vai dar certo", previu, evitando comentar a possibilidade de, mais uma vez, o governo enfrentar dificuldades para executar as metas previstas no acordo.

Macedo não quis responder à ex-ministra Zélia Cardoso de Mello, que criticou o programa econômico da atual equipe. Lembrou apenas que na carta de intenção o governo reconheceu que a política da ex-ministra "não foi bem-sucedida".